

## Pedra mole

Vera Albers<sup>1</sup>

Sabe de uma coisa? Vou ir a esmo, em direção à Mercê de baixo. O que encontrar me bastará. Minha vinda, entretanto, foi meditada. Precisava envolvê-la num ambiente que lhe fosse próprio, como o quiabo, ou a taquara, ou a jaboticaba. Pronto, não mais que esta esplanada e este chafariz. Deve jorrar água há uns bons duzentos anos. Os invariáveis hippies que vendem sandálias de couro e, na escadaria, o artesão das pedra-pomes.

– É mesmo, moço, desculpe, é pedra-sabão, é claro, o senhor tem razão. É pedra, mole, macia, não é?. É fácil de esculpir, não é?

– Nada disso, moça. Não tem nada de fácil e não segura o escopro.

À parte o fato de que estou intimidada pelo nome estranho, o homem me fita com dois olhos críticos que vão me devassando aos poucos. A testa é branca e lisa, como quem nunca toma sol e os cabelos fundem-se com a barba, os bíceps são fortes e, bem, de uns quarenta e cinco ou cinquenta, considero, e tem um quê de desquietado que me instiga.

Sustento o olhar até que acabo me sentando no degrau da escadaria, a seu lado.

– Vale a pena o museu? Pergunto, com a impolidez do turista, perenemente impune.

– Se vale a pena? Depende do que é importante para você. Novamente me intriga a compenetração da figura. Ergueu-se sem esforço e guardou seus instrumentos embaixo da lona, na extremidade da escadaria. – O museu é uma antiga cadeia, se quiser posso ser seu guia. Diz, enquanto encosta sua mão de leve em meu ombro esquerdo.

– Desta vez não vou esperar absolutamente nada, penso, – cada minuto vai valer pelo que é, como esse frio que estou sentindo me passar pela espinha, agora. – Cangalheta para o transporte de ouro, esquife para levar paramentos e alfaias da igreja de São Pedro, aldrava do portão de chácaras, alcatruzes, canos de barco, andor da oficina de Manuel Gonçalves Valente... Voz de quem conhece tudo isto aqui, voz forte, de dono. A cada nome que profere aumenta minha admiração.

---

<sup>1</sup> Autora de *Transcontos* (Reformatório, 2021), *Surtos urbanos* (Editora 34, 1998) e *Deformação* (Perspectiva, 1980).

– Veja, esses são os goivos com que se trabalhava antigamente a pedra-sãbão. Não pense você que seja fácil trabalhá-la, sua maciez é enganadora, escapa à linha fina, ao pormenor. – É mesmo, digo eu, espreitando-o, de lado. Difícil decifrá-lo por algum indício.

– Vitoriano Gonçalves Veloso – inclino-me para soletrar as inscrições do Panteon. – Que nome bonito. Por falar nisso, ainda não sei seu nome, arrisco.

– José. A resposta fica nisso. – José da Costa Rodrigues, continuo lendo, José Aires Gomes... algum antepassado seu? Arrisco, novamente, sorrindo, agora, um pouco mais segura, pois, entre os conspiradores, consegui ler o nome de Tomás Antonio Gonzaga. – Pois é, responde, enigmático.

*De coração votado a iguais perigos, /vivendo as mesma dores e esperanças,/a voz ouvi de amigos e inimigos/ vencendo o tempo, fértil em mudanças...*

José olha-me surpreso. – Não é minha a poesia, é do cancionero, decorei antes de vir para cá. Tocaram-me muito os versos

*vencendo o tempo, fértil em mudanças,/ conversei com doçura as mesmas fontes,/ e vi serem comuns nossas lembranças.*

– Quando viajo para algum lugar especial procuro ler sempre alguma coisa a respeito. A viagem fica mais emocionante, assim. Alguma coisa sintomática

– E algum filho da terra que te dobe, depois

– Depende do que dobar signifique para você, digo, hesitante

José sorri, com intenção. Joga a cabeça para trás, de leve e, pondo-me novamente a mão no ombro, pressiona-me para a escadaria

– Sou mais é um filho das ervas.

Que frase incrível, penso, e deixo-me levar à saída, à rua do Carmo, ao Hotel holandês onde as tábuas rangem e as umbelas da árvore do quintal refletem, agora, os raios do luar.